

Vinculação-Intimidade e Bem-Estar Psicológico em Consumidores de Heroína: Estudo Comparativo Entre Consumidores e Não Consumidores

João Apóstolo

Este artigo apresenta as conclusões de um estudo sobre qualidade da vinculação do adulto, qualidade da vinculação íntima e níveis de bem-estar psicológico, realizado em 1999, reunindo, comparativamente, um grupo clínico de 51 consumidores de heroína e um grupo de controle de 101 não consumidores de heroína ou outras drogas duras, na região Centro. De entre os 51 indivíduos do grupo clínico, vinte e seis foram avaliados na unidade de desabilitação de hospital psiquiátrico; cinco outros na consulta externa da mesma instituição; sete na consulta externa de um CAT; nove numa comunidade terapêutica e, por fim, quatro na residência dos próprios. Os 101 indivíduos do grupo de controle foram avaliados num Centro de Formação Profissional.

Em antecipação do argumento que se segue, os resultados indicam que os consumidores de heroína são mais ansiosos no relacionamento íntimo, mais ansiosos e evitantes e menos seguros no relacionamento interpessoal e apresentam níveis de bem-estar psicológico mais baixos relativamente aos que não consomem. O bem-estar psicológico e a vinculação íntima ansiosa são preditores do consumo de heroína, explicando estas variáveis respectivamente 18.6 e 2.2 por cento da variância. Por outro lado, a vinculação íntima evitante, o factor consumo de heroína, a vinculação ansiosa do adulto e a vinculação segura do adulto são preditores de bem-estar psicológico, explicando estas variáveis respectivamente 22.9, 15.2, 3.2 e 3.3 por cento da variância.

A valorização da diversidade dos contextos histórico e sociocultural da conduta aditiva e da variedade de significados pessoais é importante, em termos analíticos, contra o risco de premissas reducionistas e totalizantes que tendem a enfatizar traços comuns a todos os consumidores em detrimento dos aspectos que os diferenciam e que imprimem destinos diversos a cada um. A questão é encarar a diversidade destes indivíduos, ultrapassando, analítica e socialmente, o anonimato amorfo que desqualifica os processos terapêuticos (Vaz 1995). Por outro lado, os adictos apresentam uma incapacidade para organizar de forma positiva os processos de separação-indivuação, ou seja, a experiência vivida de depressão normal característica da adolescência que constitui, segundo Dias (1986; 1980: 62), uma fase da vida afectiva de aquisição da identidade, com a consequente redefinição dos papéis no seio da família.

A dificuldade em simbolizar ou fantasiar leva estes indivíduos a converter a relação com as pessoas pela relação com a substância. Os adictos têm dificuldades, na realidade quotidiana, de estabelecer e manter relações interpessoais, considerando que não precisam de nada nem de ninguém. Desta forma, induzem sentimentos de rejeição e envolvem-se em pseudo-relações amorosas, casuais e vazias de afecto. A dificuldade do toxicodependente para se consciencializar ou reconhecer

qual é a sua verdadeira «fome», o que lhe falta, leva-o a procurar ininterruptamente parceiros onde o vínculo, a confiança, a relação humana não estão presentes (...), dando-lhe a ilusão de uma grande independência' (Fleming 1995: 14).

A adição enquadra-se, assim, numa problemática relacional, na qual o indivíduo, não se sentindo vinculado a figuras de referência, encontra na substância o meio para apaziguar o seu sofrimento.

Neste contexto, na falta de um bom embasamento afectivo, o adicto utiliza condutas agidas na procura do afecto mágico que lhe permitam resolver os conflitos sem dispêndio de energia, já que anula qualquer necessidade de reflexão pessoal. Esta conduta permite, simultaneamente, estar dentro e fora, longe e distante, ser competente e incompetente relativamente aos outros, permanecendo num estado híbrido de pseudo-indivuação. Na falta de elaboração de processos mentais, recorre a um comportamento centrado no corpo que repete incessantemente, mesmo conhecendo as consequências negativas.

No entanto, os investimentos contra o corpo e a auto-destruição têm por finalidade continuar a viver. É uma estratégia apaziguadora do sentimento afectivo negativo com que o indivíduo não se consegue confrontar e das angústias ligadas aos conflitos do desenvolvimento suportada por uma substância psicoactiva.

VINCULAÇÃO DO ADULTO E VINCULAÇÃO ÍNTIMA

As teorias da vinculação sustentam que a qualidade das relações interpessoais constituem importantes recursos na procura de conforto, apoio e segurança e admitem que os laços afectivos se mantêm ao longo da vida, desde o nascimento, apesar dos mecanismos ou variáveis que activam e desactivam o comportamento de vinculação serem diferentes na criança no adolescente e no adulto no desenvolvimento de laços afectivos ou de apego (Bowlby 1984a, 1984b, 1985).

Um importante aspecto da teoria do apego é, segundo Bowlby (1989: 120), a possibilidade de o comportamento de apego ser

organizado por meio de um sistema de controle inscrito no sistema nervoso central, de forma análoga aos sistemas de controle fisiológicos, que mantêm medidas fisiológicas, tais como pressão sanguínea e temperatura do corpo (...) [de modo que,] de forma análoga à homeostase fisiológica, o sistema de controle do comportamento de apego mantém a relação da pessoa com sua figura de apego dentro de certos limites de distância e acessibilidade, usando, para fazê-lo, métodos extremamente sofisticados de comunicação.

De acordo com Canavarro (1999), vários autores procuraram clarificar o conceito de vinculação do adulto, procurando distingui-lo de outros como relações de dependência (Ainsworth 1972; Rutter, 1995; West e Sheldon-Keller 1994a), relações de afiliação (Weiss 1982; West e Sheldon-Keller 1994a) e amor romântico (Berman e Sperling 1994; Shaver e Klark 1994). Aquela autora salienta que as formulações feitas por Berman e Sperling (1994) e por West e Sheldon-Keller (1994a) são particularmente claras e operacionalizáveis. Assim, Berman e Sperling (1994: 8) definiram vinculação do adulto como uma

tendência estável do indivíduo para manter a proximidade e o contacto com uma ou algumas figuras específicas, percebidas como potenciais fontes de segurança física e/ou psicológica.

Por seu lado, a definição de West e Sheldon-Keller fundamenta-se na diferença de natureza, em termos de complementaridade e reciprocidade, das relações de vinculação na infância e na idade adulta. Estes autores referiram o conceito de vinculação recíproca do adulto, definindo-o como ‘relações diádicas, nas quais a proximidade a uma figura, considerada especial e preferida a outras, é mantida com o objectivo de sensação de segurança’ (West e Sheldon-Keller 1994: 19).

Baseados nas concepções de Bowlby acerca dos padrões de vinculação e dos modelos internos dinâmicos do Eu e do outro, Bartholomew (1990) e Bartholomew e Horowitz (1991) apresentaram um modelo de quatro dimensões. Os autores argumentam que os modelos do self podem ser dicotomizados em positivos e negativos, observando o Eu como digno ou não digno de amor e atenção. Da mesma forma, o modelo do outro é também positivo ou negativo, ou seja, os outros podem ser vistos como disponíveis e desejados ou não disponíveis e rejeitados. De acordo com este modelo, os padrões de vinculação do adulto podem ser: Seguro, Preocupado, Desligado e Medroso (Bartholomew e Horowitz 1991: 227).

Modelo de vinculação do adulto de acordo com Bartholomew & Horowitz (1991).

		Modelo de si	
		Positivo	Negativo
Modelo do outro	Positivo	<p>Seguro Confortável na intimidade e autonomia</p>	<p>Preocupado Preocupado com o relacionamento</p>
	Negativo	<p>Desligado Delgado da intimidade Independente</p>	<p>Medroso Medo da intimidade Evitante social</p>

As teorias da vinculação propostas por Hazan e Shaver (1987) sugerem que as relações de vinculação precoces têm implicações nos estilos de vinculação romântica dos adultos e todas as importantes relações amorosas se enquadram dentro das teorias da vinculação, tal como sugere o título do artigo ‘Romantic love conceptualized as an attachment process’ (Hazan e Shaver 1997). De forma semelhante, Brennan, Clark e Shaver (1998) consideram que os estudos nesta área foram impulsionados a partir do momento em que Hazan e Shaver

mostraram ser possível avaliar os padrões de vinculação íntima do adolescente e do adulto, similarmente aos padrões de vinculação (Seguro, Ansioso e Evitante) existentes entre crianças e os seus prestadores de cuidados, descritos por Ainsworth, Blehar, Waters & Wall (1978). Hazan e Shaver (1987) e Shaver, Hazan & Bradshaw (1988) exploraram a possibilidade de o amor romântico ser perspectivado a partir das teorias da vinculação, procurando encontrar a relação entre padrões de vinculação e o modo como os indivíduos experimentam e se envolvem nas suas relações amorosas. Deste modo, avaliaram os três estilos de vinculação íntima que melhor caracterizam os comportamentos e sentimentos relativamente às relações românticas, utilizando os três protótipos seguintes:

Evitante - Sinto-me desconfortável quando me encontro próximo dos outros. Tenho dificuldade em confiar completamente nas outras pessoas ou em depender delas. Fico nervoso quando alguém se aproxima muito de mim e frequentemente os meus parceiros desejam ter comigo maior intimidade do que aquela com a qual me sinto confortável.

Ansioso-Ambivalente - Acho que os outros se mostram relutantes em estar tão próximos de mim como eu gostaria. Preocupo-me frequentemente com a possibilidade de os meus parceiros poderem não gostar de mim ou preferirem estar sem mim. Gostava de estar mais próximo dos meus parceiros, o que faz com que muitas vezes as pessoas se afastem.

Seguro - Considero relativamente fácil aproximar-me dos outros e depender deles. Geralmente não me preocupo com a possibilidade de ser abandonado nem, por outro lado, com a possibilidade dos outros se aproximarem demasiado de mim.

BEM-ESTAR SUBJECTIVO OU PSICOLÓGICO

Bem-estar subjectivo ou bem-estar psicológico é, para Stock, Okun e Benin (1986: 91), um construto abstracto que contém as reacções afectivas de indivíduos ao longo de um continuum positivo - negativo das suas experiências de vida. Ryff (1989b) considera que os trabalhos de Bradburn (1969) acerca da estrutura do bem-estar psicológico contam com a distinção inicial entre afecto positivo e negativo. A finalidade das suas pesquisas era aprender como certas mudanças sociais operadas a um macronível (por exemplo, mudanças no nível da edu-

cação, padrões de emprego, urbanização ou tensões políticas) afectavam as situações de vida dos indivíduos e influenciavam a percepção do seu bem-estar psicológico.

Bradburn (1969) (cit. in Ryff 1989b: 1069) faz referência às concepções aristotélicas que consideram a felicidade o mais alto patamar da acção humana. Assim, a felicidade é traduzida por Bradburn a partir da palavra grega eudaimonia, decidindo operacionalizar o conceito como a alternância entre aspectos positivos e negativos, enquadrando o bem-estar psicológico nas oscilações entre estas duas dimensões. Ryff (1989b) questiona esta tradução da palavra eudaimonia e argumenta, apoiando-se em Waterman (1984) que a tradução de Bradburn sugere uma equivalência entre eudaimonia e hedonismo, o que é contrário à distinção feita pelos gregos entre a gratificação de desejos correctos ou incorrectos. Nesta perspectiva alternativa, eudaimonia é definida como o acompanhamento ao verdadeiro potencial de cada um.

Por outro lado a atenção de Ryff (1989a, 1989b, 1989c), de Ryff e Essex (1991) e de Ryff e Keyes (1995) é dirigida para a definição de funcionamento psicológico positivo tendo em conta: a) as perspectivas da actualização de Maslow (1968); b) a visão do pleno funcionamento da pessoa de Rogers (1961); c) a formulação da individuação (Jung 1933; Von Franz 1964) e d) a concepção de maturidade de Allport (1961). Integrando estes diferentes pontos de vista, Ryff (op.cit.) define seis características do bem-estar subjectivo: 1) aceitação de si; 2) relações positivas com os outros; 3) autonomia; 4) domínio do ambiente; 5) sentido da vida e 6) crescimento pessoal. Estas seis dimensões de Ryff constituem o fundamento do instrumento *Scales of Psychological Well-Being* (SPWB), adaptado para a população portuguesa por Ferreira e Simões (1999a).

VINCULAÇÃO-INTIMIDADE E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO: METODOLOGIA

A hipótese organizante deste estudo é que *o consumo de heroína está associado com a qualidade da vinculação íntima, a qualidade da vinculação do adulto e o bem-estar psicológico dos indivíduos*. A pesquisa, como referi, foi desenvolvida com um grupo clínico de 51 indivíduos consumidores de heroína e um grupo de controle de 101 indivíduos não consumidores de drogas duras. No sentido de controlar a interferência das variáveis sócio-demográficas e culturais (nomeada-

mente idade, sexo e grau de instrução), a constituição do grupo de controle seguiu critérios homogêneos ao grupo clínico no que respeita a estas variáveis. Foram considerados critérios de exclusão a dificuldade na compreensão do instrumento utilizado ($n=10$), composto por uma ficha de dados sócio-demográficos, e pelas escalas à frente referidas.

A amostra é jovem/adulta, porque 71.4 % têm idade inferior aos 30 anos. A média de idade é de 27,65 anos para os consumidores e 25,81 anos para os não consumidores. No que respeita ao sexo, a amostra clínica é composta por 32.9 % de indivíduos do sexo feminino, dos quais 18 são consumidores de heroína e 32 são não consumidores assumidos de qualquer droga dura, e 67.1 % de indivíduos do sexo masculino, dos quais 33 são consumidores de heroína e 69 são não consumidores assumidos de qualquer droga dura. Relativamente ao tempo de consumo, 38.9 % consome heroína entre 3 e 6 anos e 22.4 % entre os 6 e 9 anos. Quanto ao número de desabituções, 44.9 % fez entre 0 e 2, 42.9 % entre 3 e 6 e 12.2 % mais que 6.

Os instrumentos utilizados são a Escala de Vinculação do Adulto (EVA), Escala de Experiências com Relações Íntimas (ERI) Escala abreviada de Bem-Estar Psicológico (EBEP).

– *Escala de Vinculação do Adulto (EVA)*. De acordo com Canavarro (1999), este instrumento foi construído por Collins e Read, tendo sido revisto por estes autores em 1990, com a finalidade de desenvolver o instrumento inicial concebido por Hazan e Shaver (1987) para identificar os três padrões de vinculação mencionados na teoria: seguro, evitante e ansioso. Para a versão original, a análise factorial dos itens revelou a presença de três dimensões, *close*, *dependent* e *anxiety* cada uma constituída por seis itens; o alpha de Cronbach para as três sub-escalas em causa .81, .78, e .85, respectivamente. A consistência interna da AAS-R, foi testada na população portuguesa, depois de traduzida por Canavarro (1997), sendo referido o valor alpha de Cronbach para o total da escala .74. Para a estabilidade temporal, Canavarro refere valores de $r = .81$, $p = .000$. A estrutura factorial encontrada é condicente com a teoria subjacente à vinculação do adulto, mas, dada a forma como os itens se organizam nas dimensões subjacentes, a autora optou por nomear os factores da escala de acordo com a designação utilizada por Hazan e Shaver (1987), para classificar os três padrões típicos de vinculação (seguro, evitante e ansioso).

Na amostra em estudo, a EVA revelou um coeficiente de consistência interna alpha de Cronbach .80 para a dimensão ansiosa; .70 para a

dimensão segura; .72 para a dimensão evitante e .77 para o total da escala.

– *Escala de Bem-Estar Psicológico (EBEP)*. Trata-se da versão portuguesa da escala *Scales of Psychological Well-Being (SPWB)*, objecto de um estudo que decorreu no ano 1995-1996. No que diz respeito à consistência interna, os resultados revelaram um coeficiente alpha de Cronbach no valor de .94 para o total das EBEP. A validade convergente e divergente foi analisada através de correlações com vários instrumentos. Os resultados das provas de validação revelaram que as EBEP apresentam correlações significativas e positivas com a *Satisfaction With Life Scale*, a Escala de Auto-Estima de Rosenberg, a Escala de Levenson e a Escala de Auto-Avaliação da Ansiedade de Zung.

A EBEP utilizada neste estudo é uma versão abreviada (Ferreira e Simões 1999b) que avalia o bem-estar psicológico como uma dimensão global. Na amostra em estudo, a EBEP revelou um coeficiente alpha de Cronbach com o valor de .71.

– *Escala de Experiências com Relações Íntimas (ERI)*. Esta é a versão portuguesa do instrumento *Experiences in Close Relationships (ECR)* de Brennan, Clark e Shaver (1998), composta por 36 itens, objecto de adaptação para português por mim em 1999. Para a versão portuguesa, a Análise Factorial de Componentes Principais revelou a existência de dois factores, o primeiro explica 20.18% da variância e o segundo 18.25%, correspondendo, respectivamente, às duas dimensões da versão original: vinculação íntima ansiosa e vinculação íntima evitante. No que diz respeito à consistência interna, o instrumento revela um coeficiente de consistência interna alpha de Cronbach com o valor de .85 para o total da ERI, .86 para vinculação íntima ansiosa e .83 para vinculação íntima evitante.

Na amostra em estudo, a ERI revelou um coeficiente alpha de Cronbach .77 para a dimensão ansiosa; .75 para a dimensão evitante e .79 para o total da escala.

Na construção da análise, recorri ao teste t de Student para amostras independentes ou não emparelhadas - bi-caudal, com o objectivo de testar as diferenças entre os consumidores e não consumidores de heroína, no que respeita bem-estar psicológico, vinculação íntima e vinculação do adulto.

RESULTADOS

De acordo com os resultados obtidos, podemos, pela análise do Quadro 1, verificar que os consumidores apresentam pontuações médias mais baixas no bem-estar psicológico (BEP) e na dimensão vinculação segura do adulto (VSA) e, inversamente, pontuações mais elevadas em todas as restantes dimensões da vinculação do adulto e da vinculação íntima. No entanto, estas diferenças só são estatisticamente significativas para o bem-estar psicológico (BEP), para a vinculação íntima ansiosa (VIA) e para a vinculação evitante do adulto (VEA). O facto de os não consumidores apresentarem valores médios mais elevados no BEP e na VSA, parece fazer sentido. Estes indivíduos são mais seguros no que respeita à vinculação do adulto e apresentam maior bem-estar psicológico relativamente aos consumidores heroínómanos.

Os dados em causa parecem estar de acordo com as teorias apresentadas que enquadram a adição numa perspectiva relacional e apontam no sentido de os consumidores apresentarem fracassos ao nível da vinculação, quer se trate de relações com outros, com o mundo ou consigo próprios, facto que se apresenta, desta forma, como uma condição para a manutenção do vínculo aditivo.

Quanto ao verificado no bem-estar psicológico entre consumidores e não consumidores, não parece haver um argumento teórico directo que suporte estas diferenças, mas, como é uma variável situacional, podemos prever que indivíduos com baixos níveis de bem-estar psicológico tenham maior tendência para a adição ou, ao invés, que toda a complexidade que reveste a conduta aditiva seja responsável pelos níveis mais baixos de bem-estar apresentados pelos consumidores.

Assim, os consumidores de heroína são mais ansiosos no relacionamento íntimo, mais ansiosos e evitantes e menos seguros no relacionamento interpessoal e apresentam níveis de bem-estar psicológico mais baixos relativamente aos que não consomem. Sob a perspectiva das teorias abordadas, o evitamento na relação pode ser sinónimo de uma estratégia do indivíduo para diminuir estímulos stressantes e, de igual modo, a ansiedade na relação pode ser sinónimo do medo da separação. Por outro lado, a segurança na relação parece traduzir a capacidade de autonomia e a facilidade no estabelecimento de relações positivas com os parceiros.

Quadro 1. Resultados da aplicação do teste t de Student para amostras independentes. Diferenças de média do bem-estar psicológico, vinculação íntima e vinculação do adulto entre consumidores e não consumidores.

Dimensões avaliadas	Factor Consumo	\bar{X}	t ⊗	p•
Bem-estar psicológico	Consumidor	3.79	-6.007	< .001***
	Não consumidor	4.29		
Vinculação íntima ansiosa	Consumidor	4.83	3.640	.000***
	Não consumidor	4.28		
Vinculação íntima evitante	Consumidor	2.80	1.239	.218
	Não consumidor	2.64		
Vinculação ansiosa do adulto	Consumidor	3.68	1.816	.072
	Não consumidor	3.41		
Vinculação evitante do adulto	Consumidor	3.83	2.824	.006**
	Não consumidor	3.34		
Vinculação segura do adulto	Consumidor	6.94	-1.588	.116
	Não consumidor	7.35		

• Equivalência de variância não assumida ⊗ Bi-caudal ** Significativo para $\alpha < .01$
 *** Significativo para $\alpha < .001$

Esta pesquisa faz recurso instrumental também da análise de regressão múltipla pelo método Stepwise. A análise de variância para a regressão múltipla linear pelo Stepwise, entre (os preditores) bem-estar psicológico (BEP), vinculação íntima ansiosa (VIA), vinculação íntima evitante (VIE), vinculação ansiosa do adulto (VAA), vinculação evitante do adulto (VEA) e vinculação segura do adulto (VSA), e (o critério), factor consumo de heroína, seleccionou como variáveis preditores o BEP e a VIA, conforme se observa no Quadro 2.

Neste sentido, podemos estatisticamente prever que o BEP e a VIA concorrem para o consumo, ou seja, a partir dos níveis de BEP e VIA, podemos prever o consumo de heroína. No entanto, dados os valores apresentados, o BEP é estatisticamente mais significativo, uma vez que apresenta significância estatística para os valores de $\alpha < .001$. Esta variável com $R^2 = .186$ explica a maior variância (18,6%) em termos de previsão de consumo do que a VIA com $R^2 [(.208 - .186) = .022]$, o que explica 2.2% do acréscimo da variância. O facto de se

poder prever maior apetência para o consumo em indivíduos com baixos níveis de bem-estar psicológico pode, para além dos aspectos relacionais já evocados, ser enquadrado nas teorias que consideram a adição como um mecanismo adaptativo (Alexander 1990; Apóstolo 1998a) ou como tendo uma função terapêutica (Khantzian 1980, 1985). Neste sentido, o comportamento aditivo testemunha um sofrimento pessoal difícil de subjectivar, dado o seu carácter simultaneamente repetitivo e urgente (Farate 1996: 40), significativo de baixos níveis de bem-estar psicológico.

No que respeita à vinculação íntima, novamente os resultados apontam no sentido de confirmar as teorias referidas que enquadram a adição numa perspectiva relacional. A ansiedade, na vinculação íntima, parece concorrer para o consumo, podendo pensar-se que os indivíduos com um estilo de vinculação íntima ansiosa encontram no consumo uma forma de solucionar este déficite relacional.

Quadro 2: Coeficiente de regressão, pelo método ‘Stepwise’, entre os (preditores) bem-estar psicológico - BEP, a vinculação íntima ansiosa - VIA, a vinculação íntima evitante - VIE, a vinculação ansiosa do adulto - VAA, a vinculação evitante do adulto - VEA e a vinculação segura do adulto - VSA e o (critério) consumo de heroína.

Variáveis predictoras seleccionadas	R ² ajustado (acumulado)	β padronizado	t	p
Bem-estar psicológico	.186	.395	5,281	<.001***
Vinculação íntima ansiosa	.208	-.172	-2,300	.023*
F = 20.847 gl = 2;151				

*significativo para $\alpha < .05$; *** significativo para $\alpha < .001$

No entanto, o BEP é uma variável que pode ser entendida como factor predictor ou critério e, se podemos prever que indivíduos com baixos níveis de bem-estar psicológico tenham mais apetência para a adição, também a inversa pode ser verdadeira. O bem-estar psicológico pode operar como uma variável mediadora, causal ou como ambas (Stock, Okun e Benin 1986). Esta suposição fundamenta-se ainda no contexto típico da conduta aditiva ou na dificuldade de acesso a uma substância ilícita e conseqüente dependência económica, facto que obriga o adicto a uma dinâmica de gasto constante de energia, podendo cometer agressões contra pessoas e bens para financiar as suas

necessidades (Apóstolo 1998b), o que pode contribuir para os níveis mais baixos de bem-estar psicológico apresentado pelos consumidores. Daqui decorre que pode também ser o consumo a interferir no níveis de BEP.

Para aclarar esta questão, recorro novamente à análise de regressão pelo método Stepwise, considerando como variáveis predictoras (VIA, VIE, VAA, VEA, VSA, e o factor consumo de heroína) e a variável critério BEP que, como se pode observar no quadro seguinte, seleccionou como variáveis predictoras a VIE, o consumo heroína, a VAA e a VSA.

Os resultados obtidos revelam que, de entre as variáveis predictoras seleccionadas, aquelas que mais contribuem para o BEP é a VIE (associação negativa) e o não-consumo (associação positiva), apresentando ambas elevada significância estatística para $\alpha < .001$. Seguem-se uma associação negativa com a VAA e uma associação positiva com VSA, apresentando esta significância ($\alpha < .01$).

Assim, dados os valores de R^2 , a VIE explica 22.9%, o factor consumo explica 15.2%, a VAA explica 3.2% e a VSA 3.3% da variância dos níveis de bem-estar psicológico.

Como era suposto, o facto de o indivíduo consumir concorre negativamente para o BEP, mas, dados os resultados, é a vinculação íntima evitante que mais contribui para os resultados relativamente ao bem-estar psicológico (associação negativa).

A qualidade da vinculação íntima VIE tem, como os resultados demonstram, interferência no bem-estar, no sentido em que quanto mais o indivíduo é evitante no que respeita ao relacionamento íntimo, mais baixos são os níveis de bem-estar psicológico. Os resultados igualmente sugerem que quanto mais o sujeito é ansioso na vinculação com o outro (VAA), menor é o nível de bem-estar, o que significa que o medo da separação e o relacionamento tumultuado, característico dos indivíduos ansiosos na relação com o outro, se associa a níveis de bem-estar psicológico mais baixos. Ao contrário, por outro lado, a segurança na vinculação com o outro, indicador de bons alicerces relacionais, associa-se a níveis de bem-estar psicológico mais elevados.

Quadro 3: Coeficiente de regressão, pelo método ‘Stepwise’, entre os (preditores), vinculação íntima ansiosa - VIA, vinculação íntima evitante - VIE, vinculação ansiosa do adulto - VAA, vinculação evitante do adulto – VEA, vinculação segura do adulto – VSA, factor consumo de heroína e, o (critério), bem-estar psicológico – BEP.

Variáveis predictoras seleccionadas	R ² ajustado (acumulado)	β _{beta} padronizado	t	P
Vinculação íntima evitante	.229	-.343	-5.247	≤.001***
Não consumo de heroína	.381	.349	5.644	≤.001***
Vinculação ansiosa do adulto	.413	-.199	-3.178	.002**
Vinculação segura do adulto	.446	.201	3.114	.002**
F = 31.345 gl = 4;151 p < .001				

significativo para $\alpha < .01$; * significativo para $\alpha < .001$

Estes resultados são semelhantes às conclusões do estudo realizado por Carlos Farate (1996) com adolescentes consumidores, verificando que os consumidores de substâncias psicoactivas demonstram sentimentos de desvalorização narcísica e carácter particularmente frustrante de relações significativas com o objecto externo. Farate considera que a renúncia depressiva a um compromisso autêntico na relação com o outro confirma uma auto-imagem depreciada e conduz à adesão a um comportamento agido que, pouco a pouco, se vai substituir a todo o investimento objectal significativo. Esta abordagem coaduna-se com as posições de Kaplan e Meyerowitz (1970) que atribuem aos sentimentos negativos de si mesmo um papel nuclear na fragilização do Eu, condicionando o sujeito fragilizado a assumir um comportamento aditivo para contornar o sofrimento depressivo mobilizado e a percepção da sua incapacidade em fazer face às exigências do quotidiano.

Blatt et al. (1984) (cit. in Farate 1996: 48), num estudo comparativo entre um grupo de heroinómanos e um grupo de controlo, concluiu que os toxicodependentes apresentam graves dificuldades ao nível das relações interpessoais e da modulação do afecto, conduzindo à procura, de forma tipicamente isolada, de satisfações e prazeres que poderiam encontrar em relações interpessoais íntimas. Noutro trabalho dos anos 90, Palminha et al. (1993) conclui, num sentido semelhante, que o perfil psicológico das mães toxicodependentes evidencia o predomínio de uma organização neurótica da personalidade, mostrando ainda sinais de ansiedade e depressão e marcado empobrecimento de relações interpessoais. Também as conclusões do estudo com dois grupos (30

heroínodependentes e 30 não consumidores de heroína), efectuado por Geada (1997), sobre as correlações das experiências de vinculação às figuras parentais e aos companheiros com o desenvolvimento de capacidades de enfrentamento do stress para o bem-estar psicológico e o ajustamento psicossocial, confirmam que a força dos laços afectivos é mais fraca nos heroínodependentes que nos não consumidores, o mesmo se passando em relação aos mecanismos de coping.

As conclusões deste estudo podem ser sumariadas da seguinte maneira:

- Os consumidores de heroína são mais ansiosos no relacionamento íntimo, mais ansiosos e evitantes e menos seguros no relacionamento interpessoal e apresentam níveis de bem-estar psicológico mais baixos relativamente aos que não consomem.
- Os indivíduos com baixos níveis de bem-estar psicológico e ansiosos no relacionamento íntimo revelam maior inclinação para consumir heroína.
- Indivíduos evitantes no relacionamento íntimo e ansiosos e inseguros no relacionamento interpessoal são mais susceptíveis de apresentar baixos níveis de bem-estar psicológico.
- O bem-estar psicológico encontra-se, de forma evidente, relacionado com a qualidade da vinculação, que é um construto presente e influente ao longo do ciclo da vida.
- A natureza e a qualidade da vinculação na infância são importantes no desenvolvimento do relacionamento posterior e proporcionam, ao longo do ciclo da vida do indivíduo, capacidades de adaptação reflectidas na qualidade do relacionamento com os outros e consigo mesmo e fonte de felicidade e de bem-estar. Mas devem também ser considerados os contextos de vinculação do jovem e do adulto importantes para as reorganizações pessoais, pelo que a associação aqui verificada entre a adição, os aspectos relacionais e as alterações a nível do bem-estar podem decorrer de contextos e acontecimentos da vida adulta.
- Consumo de heroína, vinculação, bem-estar psicológico e intimidade coexistem numa teia onde os laços são tão fortes e as fronteiras tão ténues que parece difícil afirmar onde acaba a influência de um e começa a do outro. Se, por um lado, o comportamento aditivo testemunha incapacidade na simbolização do afecto, relacionamentos interpessoais e relacionamento íntimo, por outro pode funcionar como recurso terapêutico ou adaptativo.

Neste sentido, propostas de intervenção aplicada deverão ser conduzidas em termos preventivos e direccionadas para a família, visando acautelar a instalação da conduta aditiva. Todavia, uma vez instalada a situação de adição, o que está em jogo, estrategicamente, é intervir na repromoção dos aspectos relacionais destes indivíduos, sua qualidade de vida e bem-estar psicológico com as outras pessoas e a família, a comunidade e a profissão.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M.
1994 'Attachment and Other Affectional Bonds Across the Life Cycle'. *Attachment Across the Life Cycle*. Organizado por C. Parks, J. Stevenson-Hinde e P. Marris. Londres: Tavistock/Routledge. pp.32-51.
- Ainsworth, M.; Blehar, M; Waters, E; Wall, S.
1978 *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Earbaum.
- Alexander, B.K.
1990 'The Empirical and Theoretical Bases for an Adaptive Model of Addiction'. *The Journal of Drug Issues*, 20 (1). pp.37-65.
- Apóstolo, João
1998a 'Comportamento Aditivo: Doença ou Adptação'. *Jornal SOS Enfermagem*, Ano II, 21, Outubro: p. 5.
1998b 'Uma Abordagem aos Comportamentos Aditivos: As Teorias da Sociologia do Desvio e o Movimento da Descriminalização'. *Boletim da Biblioteca do Hospital Sobral Cid*, 1, Janeiro-Junho: pp.8-17.
- Bartholomew, K.
1990 'Avoidance of Intimacy: An Attachment Perspective'. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7: pp. 147-78.
- Bartholomew, K, e Horowitz, L.M.
1991 'Attachment Styles among Young Adults: A Test of a Four-Category Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61: pp.226-44.
- Bowlby, J.
1984a *Apego e Perda: Apego*. Tomo I. São Paulo: Martins Fontes.

- 1984b *Apego e Perda: Separação*. Tomo II. São Paulo: Martins Fontes.
- 1985 *Apego e Perda: Perda*. Tomo III. São Paulo: Martins Fontes.
- 1989 *Uma Base Segura: Aplicações Clínicas da Teoria do Apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brennan, K; Clark, C.; Shaver, F.
1998 'Self-Report Measurement of Adult Attachment: An Integrative Overview'. *Adult Attachment in Close Relationships*. Organizado por J. A. Simpson e W. A. Rholes. Nova Iorque: Guilford. pp.46-76.
- Canavarro, M.C.S.
1997 'Relações Afectivas ao Longo do Ciclo de Vida'. Tese de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- 1999 *Relações Afectivas e Saúde Mental: Uma Abordagem ao Longo do Ciclo de Vida*. Coimbra: Quarteto.
- Dias, C.A.,
1986 'Dépression et États-Limites à L'Adolescence'. *Narcissisme et États-Limites*. Organizado por J. Bergeret e W. Reid. Paris: Dunod. pp. 36-42.
- Farate, Carlos M. C.
1996 'Risco Relacional e Consumo de Drogas: A Complementaridade das Abordagens Clínica e Epidemiológica do Risco aditivo'. Tese de Doutoramento. Porto: Instituto de Ciências Médicas de Abel Salazar da Universidade do Porto.
- Ferreira, J. A. e Simões, A.
1999a 'Escala de Bem-Estar Psicológico'. *Testes e Provas Psicológicas em Portugal*, 2. pp. 110-21.
- Fleming, M.
1995 *Família e Toxicoddependência*. Porto: Afrontamento.
- Geada, M.
1997 'Experiências de Vinculação Afectiva aos Pais e Companheiros e Aptidões de 'Coping' em Heroinodependentes e num Grupo de Controlo'. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2 (2), Junho. pp.241-58.
- Hazan, C. e Shaver, P.
1987 'Romantic Love Conceptualised as an Attachment Process'. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3). pp.511-24.

- Khantzian, E. J.
1980 'An Ego Self Theory of Substance Dependence: A Contemporary Psychoanalytic Perspective'. *Theories on Drug Abuse*, NIDA Research Monograph Series nº 30. Organizado por D. J. Lettieri, M. Sayers e H. W. Pearson. Rockville: MD. pp. 29-30.
- Palminha, J.M.
1993 *Os Filhos dos Toxicodependentes: Novo Grupo de Risco Bio-Psico-Social*. Porto: Bial.
- Ryff, C.D.
1989a 'Beyond Ponce de Leon and Life Satisfaction: New Directions in Quest of Successful Aging'. *International Journal of Behavioural Development*, 12 (1): pp. 35-55.
1989b 'Happiness is Everything, or is it? Explorations on the Meaning of Psychological Well-Being'. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57 (6). pp. 99-104.
1989c 'In the Eye of the Beholder: Views of Psychological Well-Being among Middle-Aged and Older Adults'. *Psychology and Aging*, 4 (2): pp.195-210.
- Ryff, C.D. e Essex, M.
1991 'Psychological Well-Being in Adulthood and Old Age: Descriptive Markers and Explanatory Process'. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, 11 (144): pp. 719-27.
- Ryff, C.D. e Essex, M.
1995 'The Structure of Psychological Well-Being'. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69 (4): pp.719-29.
- Shaver, P.R.; Hazan, C.; Bradshaw, D.
1988 'Love as Attachment: The Integration of Three Behavioural Systems'. *The Psychology of Love*. Organizado por R. J. Sternberg e M. Barnes. New Haven, CT: Yale University Press: pp. 68-99.
- Stock, W. A.; Okun, M. A.; Benin, M.
1986 'Structure of Subjective Well-Being among the Elderly'. *Psychology and Aging*, 1 (2): pp. 91-102.
- Vaz, J. M.
1995 'Toxicodependência e Antropologia Médica'. *Toxicodependências*, ano 1 (2): pp. 5-18.

Vinculação-Intimidade e Bem-Estar Psicológico em Consumidores de Heroína: Estudo Comparativo entre Consumidores e Não Consumidores**Sumário**

Este artigo apresenta as conclusões de um estudo sobre qualidade da vinculação do adulto, qualidade da vinculação íntima e níveis de bem-estar psicológico, reunindo, comparativamente, um grupo de clínico de 51 consumidores de heroína e um grupo de controle de 101 não consumidores de heroína e outras drogas duras. Os resultados indicam que os consumidores de heroína são mais ansiosos no relacionamento íntimo, mais ansiosos e evitantes e menos seguros no relacionamento interpessoal e apresentam níveis de bem-estar psicológico mais baixos relativamente aos que não consomem. O bem-estar psicológico e a vinculação íntima ansiosa são preditores do consumo de heroína. Por outro lado, a vinculação íntima evitante, o factor consumo de heroína, a vinculação ansiosa do adulto e a vinculação segura do adulto são preditores de bem-estar psicológico. O comportamento aditivo constitui, assim, testemunho de sofrimento pessoal, apresentando um carácter autoterapêutico ou adaptativo, onde progressivamente se vai perdendo o valor de laços e relações afectivas, no sentido em que a substância substitui as necessárias relações com os outros e é assumida, paradoxalmente, como símbolo de felicidade.

Attachment-Intimacy and Psychological Well-being Among Heroin Addicts: Comparative Study Between Consumers and Non-Consumers**Summary**

This article presents the conclusions of a study on the quality of adult attachment and levels of psychological well-being, gathering, comparatively, a clinical group of 51 heroin consumers and a control group of 101 non-consumers of heroin and other drugs. The results indicate that the heroin consumers are more anxious in their intimate relations, more anxious and avoidant and less secure in interpersonal relationships, and present lower levels of psychological well-being when compared to the non-consumers. The psychological well-being and the intimate attachment are predictors of the heroin consumption. On the other hand, the intimate avoidant attachment, the heroin consumption factor, the anxious attachment of the adult, and the secure attachment of the adult are predictors of psychological well-being. The addictive behavior testifies personal suffering and an auto-therapeutic / adaptative character with the gradual loss of bonds and affective relationships, in so far as the substance substitutes the necessary relationships with the others, and is assumed, paradoxically, as a symbol of happiness.